

APRESENTAÇÃO

O presente número da *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*, tem como mote principal a discussão em torno de três eixos temáticos bastante comum no debate contemporâneo: gênero, corpo e performance. De alguma maneira, as três palavras apresentação mais do que sintagmas linguísticos, se posicionando como eixos temáticos trabalhados por diversas correntes teóricas, reveladores da complexidade inerente ao nosso tempo. Abordada de formas separadas, cada um desses eixos já se apresentaria como temas bastante relevantes para o debate; porém juntas, apontam para a possibilidade de convergência de campos distintos, nos possibilitando observar as similitudes e heterogenia inerente à formas de subjetivação.

É para uma região fronteiriça, deslocada das possibilidades estabelecidas dos paradigmas mais tradicionais, que as três palavras juntas parecem nos colocar. O deslocamento dos campos, em direção a uma região fronteiriça em permanente estado de crise, faz da Crítica Cultural uma forma de subjetivação premente. É aqui que os três temas revelam toda a sua complexidade, como forma direta de tratar das experiências contemporâneas dos sujeitos desestabilizados, calcado nos tensionamentos e as contradições contemporâneas. Mas do que nunca, a crise dos paradigmas e dos discursos estabelecidos firma-se como uma premissa para esse sujeito como forma de legitimar alteridade, singularizações e subjetivações.

No artigo intitulado, “Alfred Hitchcock na velocidade terrível da queda: misoginia e metáforas antropomórficas na obra do diretor”, de Luiz Carlos de Souza, busca-se analisar a metáfora do corpo no trabalho do cineasta, apontando para o cinema como uma instância significativa, ao explorar corpo como um símbolo sempre presente. É assim que o corpo feminino é o espaço de tensionado pelos desejos explorados pela dimensão imagética, nos possibilitando pensar as formas de representação feminina reiteradamente explorado

pela narrativa fílmica. Nessa perspectiva, o cinema carregaria os códigos de apropriação e reprodução da imagem feminina, revelador das subjetividades e identidades masculinas prevalentes. O artigo, parece apontar para o lugar incomodo do feminino no cinema, constituído tendo por base uma metáfora do corpo, como revelador das formas significados presentes na cultura, ao cristalizar, em símbolo, as “falência das identidades masculinas”.

Mário Vasconcelos, no artigo intitulado “Corpo, lugar, poder e afeto no cine mão: parando para vê-los, parando para ouvi-los...”, nos convida a pensar acerca das relações afetivas e de poder desenvolvida nos espaços urbanos dos cinemas de rua. Ao lançar um olhar específico para um cinema do centro da cidade Fortaleza, constrói um mosaico das relações estabelecidas entre os sujeitos operantes nesses espaços. Poder e afetos são os pontos básicos para a constituição dos discursos pelos sujeitos e pelo desenvolvimento de significados oriundo desse território. É assim que a performance das subjetividades tem um papel preponderante como forma de posicionamento dos discursos e práticas internalizadas pelos sujeitos no urbano e na dimensão dos sentidos (na cultura), como espaço negociado pelos agentes envolvidos, ao operacionalizar os significantes e atributos disponíveis, reveladores dos aspectos circunstanciais da cultura e também da linguagem.

Em “Identidade, gênero e cultura material: senhoras e criadas no espaço doméstico — São Paulo (1870-1920)”, de Simone Andriani dos Santos, encontramos um claro questionamento acerca das identidades constituídas nos espaços domésticos e as suas influências nos corpos. Para tanto, a autora propõe um olhar atento para os manuais de prescrição de conduta, manuais que propunham um conjunto de condutas de etiqueta, de economia doméstica, de puericultura e de higiene e saúde para a mulher. Utilizando-se de um corpus de pesquisa abrangente, a autora nos apresenta, dessa maneira,

um estudo panorâmico das transformações inerente ao feminino, aos hábitos corporais, ao cotidiano, as subjetividades e as identidades.

No artigo intitulado “Na esfera da mídia: entre *representações sociais* e *biopoder*” Jeferson Bertolini discute as formas de representação discursiva do corpo na dimensão da comunicação de massa. Para tanto o autor, assenta sua análise em duas perspectivas teóricas: das *representações sociais* e do *biopoder*. É assim que os discursos massificados nos são apresentados como instâncias coercitivas onde a apropriação do corpo se define pela a constituição de significados adequados para esse símbolo. Para o autor, as representações do corpo no discurso midiático nos possibilitam perceber as estratégias técnicas do *biopoder*, com o fito de “produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis”.

No trabalho de Elisa de Brito Quintanilha, “Parceria: reflexões sobre damas e cavalheiros no contexto da dança de salão”, podemos encontrar reflexões acerca da dança de salão e as relações de gêneros desenvolvidas nesses espaços. A autora propõe questionamentos dos pontos de vista estereotipados sobre essa prática, por meio da performatividade do gênero envolvidos. O texto nos convida a expandirmos nossos sentidos ao universo da dança, como possibilidade de expressão criativa entre parceiros, que se proponham a transpor as determinações e os códigos sociais nessas práticas.

Em “Performance e matéria em *A fúria do corpo*” Olívia Barros de Freitas aborda as estratégias narrativas e performáticas em *A fúria do corpo* (1981) de João Gilberto Noll. Partindo de uma abordagem Bakhtiniana, buscando apontar para as tensões internas à obra, o autor situa, no fenômeno literário, o papel prevalente do corpo e das circunstâncias de enunciação presente na obra. O artigo aponta que os aspectos enunciativos e performáticos da narrativa se evidenciam “nos caminhos do corpo na linguagem”, ao engendrar as

transformações políticas e sociais da época de sua produção. A linguagem nos é apresentada como espaço de performance e de produção de sentidos dos sujeitos nelas evidenciadas.

No trabalho intitulado “Provérbios: fraseologias sob a ótica de gênero” podemos encontrar uma discussão acerca do gênero masculino e feminino representados na língua portuguesa. Francisca Andréa Ribeiro da Silva propõe um olhar especial para o gênero oral e escrito dos provérbios como forma de vislumbramos as tensões sociais inerentes ao discurso de gênero. Nessa perspectiva, autora aponta para a linguagem como uma instância sensível aos aspectos históricos e sociais, ao nos apresentar os traços e os aspectos que marcariam sentidos e os significados presente nessa tipologia textual.

As obras dos escritores Graciliano Ramos e João Ubaldo Ribeiro são investigada pela pesquisadora Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar. No trabalho “Representações literárias de gênero em *Infância* e *Viva o povo brasileiro*: reflexões sobre o feminino e o masculino” busca abordar a representação do feminino nas obras *Infância* (1945) e *Viva o povo brasileiro* (1984), de modo a analisar o protagonismo feminino nas duas narrativas.

Ainda acerca do protagonismo feminino na literatura, no artigo de Pedro Ivo Dias Secco, intitulado “Sob teus seios empinados: os caminhos dos ardis femininos no ramo sírio das Mil e uma noites”, podemos encontrar o papel do feminino e das imagens trabalhadas na literatura na obra *as Mil e uma noites*. Nesse trabalho, as personagens femininas são focalizadas, de modo a relacionar a representação do sexo com a composição estrutural dessa obra literária. Além de uma interpretação, o autor nos faz uma apresentação das principais personagens femininas na obra, apontando a importância dessas para a composição e perpetuação dessa narrativa.

Francisco Gabriel Rêgo

ALFRED HITCHCOCK NA VELOCIDADE TERRÍVEL DA QUEDA: MISOGINIA E METÁFORAS ANTROPOMÓRFICAS NA OBRA DO DIRETOR

Luiz Carlos de Souza¹

Resumo: No presente trabalho, propomos uma leitura da repetição de imagens de queda como um profundo sintoma que perpassa a filmografia de Alfred Hitchcock. Trata-se da precariedade, da dificuldade de equilíbrio, tema marcante em *Vertigo (Um Corpo que Cai, 1958)*, *North by North West (Intriga Internacional, 1959)* e *Rebeca (Rebeca, a Mulher Inesquecível, 1940)*. Analisamos a ameaça da queda como uma metáfora do corpo das mulheres, no sentido de estar ligada a um desejo incestuoso de volta ao útero, algo fora da lei simbólica predominante e, portanto, de efeitos nefastos aos sujeitos. Na produção hitchcockiana, a atmosfera de suspense que perpassa os filmes liga-se a uma série de metáforas antropomórficas, relacionadas ao corpo das mulheres. A tendência não passou despercebida à teoria feminista do cinema, no trabalho de pesquisadoras como Paula Cohen (1995), Kaja Silverman (1998) e Tânia Modleski (2005).

Palavras-Chave: Estudos de gênero. Teoria Feminista do Cinema. Alfred Hitchcock.

ALFRED HITCHCOCK IN TERRIBLE SPEED FALLING: MISOGYNY AND ANTHROPOMORPHICS METAPHORIES IN THE DIRECTOR'S ARTWORK

Abstract: In this paper, we propose a reading of the acrophia in the Alfred Hitchcock's cinema. This inse-

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Orientadora: Profa. Dra. Nancy Vieira. Endereço eletrônico: luiz1112003@yahoo.com.br.